



IMPACTOS DAS *FAKE NEWS* NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Daniel Leonardo Ramos¹, Davi Oliveira Domingos Ruas², Felipe Antônio Ribeiro de Souza³, Gabriela Ladeira Fajardo³

¹ Universidade Federal de Minas Gerais/ Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais/ Escola de Engenharia, danielleonardo455@ufmg.br

² Universidade Federal de Minas Gerais/ Departamento de Estatística, daviruasgm1@gmail.com

³ Universidade Federal de Minas Gerais/ Departamento de Engenharia Química/ Escola de Engenharia, felipeantonio41@gmail.com, gabrielalfajardo@gmail.com

Resumo: O artigo aborda a disseminação de *fake news* durante a pandemia e busca entender como elas afetaram o comportamento das pessoas e, conseqüentemente, o combate ao coronavírus. A pesquisa foi feita com o levantamento de dados publicados em veículos de notícias e em artigos científicos. Conclui-se que a grande quantidade de *fake news* disseminada ao longo da pandemia, teve impacto negativo em grande parte da população mundial.

Palavras-chave: *fake news*, Coronavírus, redes sociais, figuras políticas, ciência.

1. Introdução

Fake news, termo utilizado para definir notícias de cunho falso e com alto índice de propagação, usualmente difundidas por meio das mídias sociais, tem sido tema de discussão e preocupação no mundo moderno. Em 2020 com o início da pandemia de COVID-19, as *fake news* têm colocado em risco a saúde pública.

Por se tratar de uma doença nova, existem ainda muitas incertezas relacionadas à COVID-19, o que acaba dando espaço para a divulgação de informações falsas, que, por vezes, contradizem princípios científicos. Associado a isso, alguns governantes, em busca de uma solução fácil e rápida, contribuíram com o compartilhamento de *fake news* relacionadas à pandemia, gerando um embate com a ciência.

Este artigo possui o objetivo de analisar e exemplificar como as *fakes news*, sejam elas por meio de redes sociais ou figuras públicas, afetaram a opinião e ações da população durante o contexto de pandemia.

2. Fatos e interpretação



Há estudos, como o de Sursala, 2018 e Calyton at al.(2018), que mostram como as *fake news* são criadas e construídas com a finalidade de serem facilmente compartilhadas. Esses tipos de notícias exploram os vieses humanos e, assim, é criado um formato perfeito para difusão. Em geral, as notícias falsas chamam mais atenção do que as verdadeiras.

Os algoritmos presentes em redes sociais como, Facebook, Twitter e Youtube são responsáveis por sugerir conteúdos falsos para os usuários. Esse fenômeno passou a ser mais estudado após a eleição de Donald Trump em 2016 nos EUA. No contexto da pandemia, cerca de um quarto dos vídeos presentes no Youtube não tem embasamento científico e geralmente são mais compartilhados por terem linguagem mais acessível (SUSARLA, 2018).

“Além disso, é importante destacar que, por mais que existam mecanismos de verificação de notícias, as pessoas costumam não tomar decisões com base nos fatos.” Clayton *et al.* (2018), em uma pesquisa realizada com eleitores de Trump, mostrou que essas pessoas admitiam que Trump distorcia os fatos, mas isso não tinha efeito no que sentiam a respeito dele. Ademais, constatou-se que as pessoas que sabem mais sobre um determinado assunto tendem a ser mais teimosas e resistentes.

Uma pesquisa realizada pela Avaaz mostrou que 7 em cada 10 brasileiros acreditaram em pelo menos uma notícia falsa sobre a pandemia durante o ano de 2020. Esse número, que corresponde a cerca de 110 milhões de brasileiros, indica um grande alcance desse tipo de notícia no país.

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o estado de pandemia para a contaminação da COVID-19. Além do combate à pandemia em si, a propagação de *fake news* tornou-se outra questão de ordem pública.

O primeiro caso da doença foi registrado na cidade de Wuhan (China), de modo que chineses passaram a receber críticas e eram erroneamente associados à doença. Afirmções infundadas de que a China havia criado o vírus circularam nas redes de desinformação, resultando em ataques xenofóbicos. Ataques esses que, adotados por autoridades brasileiras, geraram crises diplomáticas entre Brasil e China (LOVISI, 2020).



Segundo De Matos (2020), por se tratar de uma doença pouco conhecida, a COVID-19 gera insegurança e incerteza por parte da população. Esse desnorreamento dificulta a deliberação de quais fontes podem ser confiáveis. O autor analisou as notícias falsas sobre o coronavírus divulgadas na página “Saúde sem *fake news*” do Ministério da Saúde. As notícias foram segmentadas em quatro grupos: produtos para saúde, notificações de casos de COVID-19, terapêutica e informações sobre a COVID-19. O grupo que apresentou maior ocorrência e constância ao longo do período analisado (janeiro a abril de 2020) foi o de terapêutica, o que pode estar associado à esperança da população no surgimento de um método terapêutico eficaz.

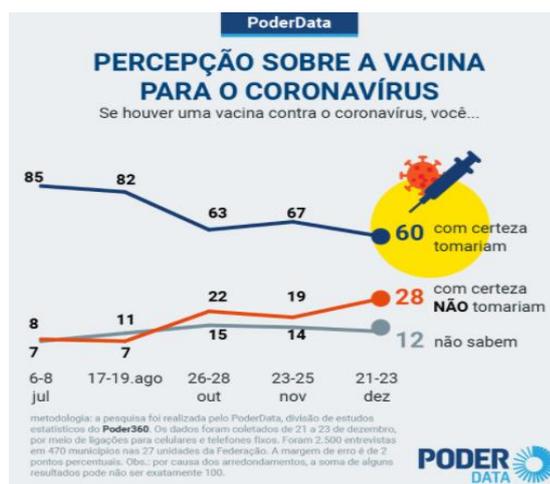
Um processo terapêutico que ganhou grande repercussão foi o uso da hidroxocloroquina no tratamento contra a COVID-19. Em março de 2020, uma pesquisa duvidosa afirmou que o medicamento, utilizado para o tratamento de lúpus, malária, artrite e reumatóide, era capaz de reduzir a carga de coronavírus no organismo. Diante disso, os presidentes do Estados Unidos (EUA) e do Brasil fizeram ampla defesa do uso da droga, que chegou a faltar nas farmácias brasileiras. A partir de junho de 2020, estudos mais robustos que comprovavam a ineficácia da droga em qualquer estágio da doença começaram a ser publicados (SHALDERS, 2021). Apesar disso, o presidente Jair Bolsonaro continuou defendendo o uso da hidroxocloroquina para o tratamento de pacientes com COVID-19 (AMOROZO; KOS; MOREIRA, 2020).

A postura do presidente brasileiro chama atenção, visto que, desde o início da pandemia, Bolsonaro vem desrespeitando as recomendações da OMS no que tange ao isolamento social e ao uso de máscaras, além de minimizar os efeitos da pandemia. É preocupante uma figura política se posicionar dessa forma, uma vez que suas falas e ações atingem grande parcela da população e contribuem para a desinformação em massa. Exemplo do efeito negativo do compartilhamento de notícias falsas por figuras políticas ocorreu nos EUA, quando Donald Trump sugeriu o uso de injeções de desinfetante para promover uma “limpeza interna” contra o coronavírus. Nas horas seguintes ao pronunciamento do presidente, o número de registros por intoxicação com o produto na cidade de Nova Iorque dobrou (DINO, 2020).



O desserviço de figuras políticas ao se posicionarem contra a ciência desencadeia situações preocupantes como a do gráfico da Figura 1, que indica um aumento no número de brasileiros que não tomariam a vacina contra o coronavírus entre julho e dezembro de 2020, o que parece impensável no país cujo Programa Nacional de Imunização é referência mundial. Diante dessa situação, renomados cientistas brasileiros têm compartilhado áudios de WhatsApp, vídeos e memes na tentativa de frear a desinformação e espalhar conhecimento científico (BETIM, 2021).

Figura 1. Percepção da população brasileira sobre a vacina para o coronavírus.



Fonte: Barbosa, 2020.

3. Metodologia

A metodologia utilizada para a construção deste artigo se deu através da do levantamento de dados publicados em veículos de notícias durante a pandemia e através de artigos científicos. Deve-se levar em consideração que veículos midiáticos podem estar enviesados. Para contornar tal problema fez-se necessário a utilização de não somente um portal de notícias, mas de diversos, com posições diferentes, constatando-os, para assim reduzir tal enviesamento.

4. Conclusão

Desse modo, a divulgação de *fake news* é impulsionada por algoritmos das redes sociais, que facilitam a dispersão desse tipo de notícia. Ademais, há artifícios na construção do conteúdo falso para que seja facilmente compartilhado, como o uso de temas que exploram os vieses humanos.



No âmbito da pandemia, as *fakes news* são instigadas pelas incertezas e medos da população em relação à nova doença. Soma-se a isso uma onda de minimização da ciência, em muitos casos estimulada por agentes do poder público, cujos posicionamentos e pronunciamentos possuem grande alcance. Os efeitos das *fake news* relacionadas à COVID-19 são alarmantes, variando de ataques xenofóbicos a aumento nos números de casos devido ao descumprimento das orientações da comunidade científica. Diante disso, é essencial saber identificar notícias que contenham informações incorretas, as quais são comumente caracterizadas por erros de português e linguajar alarmista, além de possuírem fonte duvidosa.

Referências

AMOROZO, M.; KOS, C.; MOREIRA, R. Em evento sobre pandemia, Bolsonaro defende cloroquina e critica jornalistas. CNN Brasil, 24 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/08/24/bolsonaro-cita-infecoes-em-ministros-e-volta-a-defender-hidroxcloroquina>>. Acesso em: 11 de mar. de 2021.

BARBOSA, Rafael. Rejeição à vacina contra covid vai de 19% para 28% em 1 mês, mostra PoderData. Poder 360, 25 de dez. de 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poderdata/rejeicao-a-vacina-contra-covid-vai-de-19-para-28-em-1-mes-mostra-poderdata/>>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

BETIM, Felipe. Cientistas brasileiros travam guerra contra a desinformação bolsonarista por vacinação. El País, São Paulo, 18 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-18/cientistas-brasileiros-travam-guerra-contra-a-desinformacao-bolsonarista-por-vacinacao.html>>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

CLAYTON, K.; BLAIR, S.; BUSAM, J. A.; FORSTNER, S.; GLANCE, J.; GREEN, G.; KAWATA, A.; KOVVURI, A.; MARTIN, J.; MORGAN, E.; SANDHU, M.; SANG, R.; SCHOLZ-BRIGHT, R.; WELCH, A. T.; WOLFF, A. G.; ZHOU, A.; NYHAN, B. Real Solutions for Fake News? Measuring the Effectiveness of General Warnings and Fact-CheckTags in Reducing Belief in False Stories on Social Media. East Lansing, Michigan. 2018. <<https://www.dartmouth.edu/~nyhan/fake-news-solutions.pdf>>. Acesso em: 2 de fev. de 2021



DE MATOS, R. C. Fake news frente a pandemia de COVID-19. Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology) – Visa em Debate, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 78-85, 2020. DOI: 10.22239/2317-269x.01595. Disponível em: <<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1595>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

DINO. Pandemia da desinformação: fake news sobre COVID-19 colocam vidas em risco. Estado de Minas, 16 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/06/19/interna_internacional,1158186/pandemia-de-desinformacao-fake-news-sobre-covid-19-poe-vidas-em-risco.shtml>. Acesso em: 27 de jan. de 2021.

LOVISI, Pedro. Xenofobia, uma outra doença que veio com o coronavírus. Estado de Minas, 27 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/27/interna_gerais,1142295/xenofobia-uma-outra-doenca-que-veio-com-o-coronavirus.shtml>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

SHALDERS, André. Tratamento precoce| “Kit covid é kit ilusão”: os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento. BBC News Brasil, São Paulo, 27 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.

SUSARLA, Anjana. How artificial intelligence can detect – and create – fake news. MSU Today, East Lansing, Michigan, 02 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://msutoday.msu.edu/news/2018/how-artificial-intelligence-can-detect-and-create-fake-news/>>. Acesso em: 2 de fev. de 2021.